

Envelhescência¹

Corpo, tempo e elaboração imaginativa

Decio Gurfinkel,² São Paulo

Resumo: Neste artigo, o autor propõe estudar o processo de envelhecimento a partir do conceito winnicottiano de elaboração imaginativa. Após uma breve apresentação desse conceito, concebido no âmbito de uma abordagem muito peculiar da relação entre psique e soma, sugere estender seu uso para além da situação do bebê, como o fez Winnicott, e abordar todo o percurso de desenvolvimento do indivíduo, e em particular o processo de envelhecimento, sob essa ótica. Para estudar tal processo, o autor adota o termo envelhescência, cunhado por Manoel Berlinck, que do seu ponto de vista abarca bastante bem a complexidade das transformações psicossomáticas que se dão nessa etapa da vida, exigindo tanto um trabalho do eu quanto um trabalho do self. Essas proposições são ilustradas por um depoimento do artista Gilberto Gil ao completar 80 anos, no qual ele relata suas experiências pessoais e suas reflexões existenciais e estéticas sobre o tema.

Palavras-chave: envelhecimento, corpo, desenvolvimento, psicossomática, elaboração imaginativa

Neste trabalho, proponho estudar o processo de envelhecimento a partir do conceito winnicottiano de elaboração imaginativa. Sugiro estender seu uso para além da situação do bebê, como o fez Winnicott, e abordar todo o percurso de desenvolvimento do indivíduo, e em particular o processo de envelhecimento, sob essa ótica. Para estudar tal processo, adoto aqui o termo *envelhescência*, cunhado por Manoel Berlinck, que abarca bastante bem a complexidade de transformações psicossomáticas que se dão nessa etapa da

- 1 As ideias preliminares deste trabalho foram apresentadas no 2º Congresso Brasileiro sobre Adulterez Madura, promovido pelo Gradiva Grupo Atlântico de Psicoterapia Psicanalítica, em 30 de setembro de 2022 (online).
- 2 Psicanalista. Doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), com pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do Departamento de Psicanálise e do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae.

vida, exigindo tanto um trabalho do eu quanto um trabalho do self. Ilustro alguns desses processos com um depoimento de Gilberto Gil ao completar 80 anos, no qual ele relata suas experiências pessoais e suas reflexões existenciais e estéticas sobre o tema.

Corpo e elaboração imaginativa: encontros e desencontros

A expressão *elaboração imaginativa* foi utilizada por Winnicott (1949/1992) em trabalho dedicado a formular algumas bases para pensar a relação entre psique e soma a partir da psicanálise e, com isso, estudar os processos de saúde e doença nesse âmbito. Trata-se de uma expressão que não vinha sendo objeto de maior visibilidade nos estudos de sua obra, mas que tem despertado, nos últimos tempos, um maior interesse.³ Podemos dizer que se trata, de fato, de um verdadeiro conceito, com grande potencial teórico-clínico. Para melhor compreendê-lo, é fundamental reconhecer que tal conceito é fruto de uma visão monista, segundo a qual a psique e o soma são facetas da pessoa em crescimento.⁴

- 3 Menciono aqui três trabalhos de pesquisa muito auspiciosos dedicados ao conceito de elaboração imaginativa. Marcia Bozon tem realizado uma pesquisa extensiva sobre o assunto, que resultou em uma tese de doutoramento apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Bozon, 2023). Durante a elaboração da tese, ela apresentou resultados parciais de seu trabalho em debate online, com a minha participação e a de seu orientador, Leopoldo Fulgencio (Editor universocademicovideo, 2020). Em artigo publicado em parceria, Bozon e Fulgencio (2020) destacaram, inicialmente, a importância de tal conceito e sua relação com a dimensão da sensorialidade, estando ele na origem da possibilidade de criar, sonhar, fantasiar, devanear, brincar e simbolizar, e constituindo um elemento importante no tratamento psicanalítico. Em seguida, em estudo articulando tal conceito à concepção de fantasia de Winnicott – na qual o binômio destruição/sobrevivência do objeto cumpre um papel fundamental –, ressaltaram como a elaboração imaginativa é “um recurso da natureza humana responsável por esculpir a área do informe na qual a criança está imersa, inaugurando o esboço de uma narrativa futura” (Bozon & Fulgencio, 2022, p. 53). Em comentários a partir do trabalho de Bozon, Renata Cromberg (2022) realizou um rico paralelo entre o conceito de Winnicott e alguns aspectos do pensamento de Sabina Spielrein, ressaltando que, em ambos, a destrutividade a serviço da transformação é um eixo fundamental, e a criatividade é compreendida como de natureza primária. A autora propõe então que a elaboração imaginativa é uma protolinguagem e um protopensamento, e que o trabalho de Spielrein sobre a origem do pensamento é, de certa forma, precursor das concepções de Winnicott. Roberta de Oliveira Mendes (2021), por sua vez, realizou uma dissertação de mestrado sobre a elaboração imaginativa, na qual retrata um panorama cuidadoso do conceito, situa-o em relação às patologias dissociativas – incluindo interessante estudo do personagem Funes, criado por Borges – e discute sua pertinência ao trabalho analítico. Mendes realiza hoje sua pesquisa de doutorado *Escutando o gênero com Winnicott à luz do transfeminismo*, na qual utiliza tal conceito para o estudo das temáticas de gênero.
- 4 Ainda que Freud tenha proposto que o eu é, antes de tudo, um “ser corpóreo” (1923/1981b, p. 2709), deve-se ressaltar que nem sempre uma visão monista do psicossoma tem estado presente na psicanálise, e que Winnicott foi pioneiro em colocá-la em primeiro plano, contribuindo para a construção de uma psicossomática psicanalítica conforme a conhecemos hoje. A visão de Pierre Marty e da Escola Psicossomática de Paris também contribuiu, de maneira vigorosa, para o fortalecimento de tal visão. Para um maior desenvolvimento dessa discussão, ver “O psicossoma em Winnicott” (Gurfinkel, 2001).

Winnicott propôs uma definição de psique nos seguintes termos: trata-se da “*elaboração imaginativa das partes, dos sentimentos e das funções somáticas*, isto é, da vivacidade física” (1949/1992, p. 244). Assim, a vivacidade do corpo somático vai sendo paulatinamente objeto de uma elaboração imaginativa, dando ensejo a uma espécie de versão psíquica das experiências do corpo – poderíamos ver aqui os primórdios do trabalho de representação, simbolização etc. – e constituindo o que poderíamos chamar de faceta “psique” do psicossoma. Winnicott distinguiu ainda, e de maneira muito particular, psique (*psyche*) e mente (*mind*), considerando essa última um “caso especial de funcionamento do psicossoma” (p. 244): uma função que se especializa e que se desenvolve a partir da necessidade de fazer frente às inevitáveis inaptações do ambiente humano às necessidades do bebê, “transformando falhas relativas de adaptação em um sucesso adaptativo” (p. 245). Ele descreveu, então, uma série de distorções que podem advir, no processo de desenvolvimento, quando a mente se dissocia do psicossoma e passa a funcionar como entidade autônoma.

A elaboração imaginativa pode ser compreendida, assim, como um elo de articulação,⁵ como um elemento de mediação entre o soma e a psique.⁶

Neste trabalho, sugiro um uso mais extenso do conceito de elaboração imaginativa, considerando-o nas diversas etapas do processo de desenvolvimento do indivíduo e, em particular, no processo de envelhecimento. Em cada uma dessas etapas, podemos considerar as diversas situações de *encontros e desencontros entre a psique e o soma*, em uma dialética muito particular e desafiadora, cheia de riscos, dores e impasses.

A arte de viver pode ser compreendida como um interjogo contínuo entre encontros e desencontros. O uso e o destaque que Winnicott deu ao termo *meeting*, especialmente no âmbito de sua teoria da transicionalidade, abriu caminho para uma verdadeira “metapsicologia do encontro”: o encontro possível entre o bebê e a mãe, entre o objeto criado e o objeto oferecido na hora e no lugar apropriados, entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido, entre o eu e o outro – todos esses encontros produzindo

5 Enquanto elo de articulação entre o soma e a psique, a elaboração imaginativa é, certamente, parte essencial do processo analítico. Em trabalho apresentado no 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise (Gurfinkel, 2022), dediquei-me a ilustrá-lo com um relato clínico no qual a *construção imaginativa do contato corporal* – o “ser segurado no colo” pelo analista – se deu na última sessão de uma paciente antes de suas férias de análise. A transferência cabe ser compreendida, assim, também e essencialmente como uma experiência psicossomática.

6 Pode-se traçar um paralelo entre a elaboração imaginativa e o conceito freudiano de *apoio* (Freud, 1905/1981a), segundo o qual as pulsões sexuais nascem *apoiadas* nas funções autoconservativas do corpo, mas vão aos poucos se descolando delas. Penso que Winnicott possivelmente tenha se inspirado – consciente ou inconscientemente – em tal conceito, mas certamente o *ampliou e o transformou* sobremaneira: pois não apenas as zonas erógenas específicas, mas toda e qualquer “parte, sentimento ou função” corpórea é passível de elaboração imaginativa, e o que se desdobra a partir daí é um campo de experiências psíquicas muito mais amplo, que não se restringe à psicosssexualidade humana.

a experiência fundamental da *ilusão*. Mas é no interjogo entre a ilusão e o seu contraponto – a desilusão – que se desenrola o viver. Nosso grande poeta Vinícius de Moraes, em canção em parceria com Baden Powell, propôs, em famosíssima frase, que “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida” (1965/1993, p. 119). Trata-se de uma frase plena de sabedoria, mas talvez um pouco pendente para um dos lados da gangorra, e um tanto otimista: pois o desencontro é tão constitutivo da vida quanto o encontro, e talvez a vida seja a arte do encontro/desencontro, a arte do contínuo trabalho de navegação entre esses dois polos. Nesse sentido, o viver pode ser concebido como constituído pela dialética entre encontro e desencontro, entre ilusão e desilusão, ou entre o “estar só” e o “estar com”.⁷

Bem, ao olharmos para o desenvolvimento do ser humano em suas etapas, observamos como os desencontros entre a psique e o soma são vários, gerando desafios sucessivos. Para o bebê, as experiências do corpo, por vezes disruptivas, pedem um trabalho de protossimbolização, de onde emergem as primeiras formas psíquicas apoiadas nas experiências corporais. No período edipiano, a criança vive o que Bollas (2000) veio a chamar, de modo feliz, de *epifania sexual*, devido à qual novas significações e elaborações imaginativas são exigidas, acompanhadas de uma experiência de susto e de um potencial desencontro que, eventualmente, produz a predisposição às neuroses, como bem ressaltou Freud. Melanie Klein, que deslocou o complexo de Édipo para um tempo bem mais precoce, veio a complementar o estudo dessa problemática através do conceito de posição depressiva, etapa crucial, em que o peso da culpabilidade diante dos impulsos pulsionais agressivos nos atinge com toda a força, demandando um árduo trabalho de reparação. Com a adolescência, nos deparamos com um novo desencontro, e uma grande exigência de trabalho para o psiquismo: agora temos um corpo em erupção, com uma possibilidade real de perpetrar o crime – seja sexual ou agressivo; as transformações físicas são profundas e potencialmente traumáticas, causando enorme turbulência. Winnicott (1967/1990) resumiu bastante bem esse novo desafio: os adolescentes precisam ser capazes de cavalgar as pulsões, em vez de serem despedaçados por elas.⁸

Sugiro que, em cada uma dessas situações de desencontro, um trabalho de elaboração imaginativa é ativado, buscando algum tipo de re-encontro entre corpo e psique. Ora, é justamente a partir do desencontro que a alteridade do corpo próprio faz ruído, buscando novas reinvenções; enquanto o desencontro não se faz presente, a fluência silenciosa do vir a ser segue seu curso, sem sobressaltos. Afinal, é o desencontro que, ao fazer ruído, gera a pressão

7 Para uma discussão mais ampla do assunto, ver Gurfinkel (2008a).

8 Em “Excitação e o trabalho de simbolização” (Gurfinkel, 2013), abordei os desafios de lidar com um pulsional não simbolizado no processo analítico de um adolescente.

para o trabalho psíquico, trabalho no qual a elaboração imaginativa cumpre uma parte fundamental. E ali onde o reencontro não é mais possível, instalam-se os processos dissociativos, os quais, como bem assinalou Winnicott, por vezes incidem sobre a unidade psique-soma.

Envelhescência: novos desafios

Bem, e como as coisas evoluem no processo de envelhecimento?⁹ Quais desafios e desencontros entre o corpo e a psique emergem nessa etapa e pedem uma elaboração imaginativa, buscando o re-encontro possível?

Neste artigo, proponho pensarmos o processo de envelhecimento através da noção de envelhescência – termo cunhado por Manoel Berlinck, cuja abordagem me parece especialmente interessante. Primeiro por conceber a envelhescência como um desencontro – “o desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo, âmbito da temporalidade” (Berlinck, 1996/2008, p. 193) –, em uma leitura convergente com a que tenho apresentado aqui; mas também por propor uma distinção bastante frutífera entre o *envelhecimento* e a *envelhescência*, que é concebida por ele em paralelo à adolescência. A envelhescência é um processo psicossomático e elaborativo de grande complexidade, que acontece em maior ou menor grau para aqueles que envelhecem – ou pode nem mesmo acontecer.

O que ocorre nesse período da vida? Berlinck nos lembra:

Quando menos se espera, a vista não mais alcança, o ouvido não mais ouve, a pele enruga, os cabelos caem, o peso torna-se um problema, ... o corpo já não responde a certos estímulos do desejo, e esforços prolongados são inviáveis. (pp. 193-194)

Eu acrescentaria a essa lista de “sintomas” típicos as alterações do sono – afinal, conciliar o sono diante da exigência de trabalho psíquico para assimilar e administrar todo esse novo desencontro é, de saída, um grande desafio, que se soma e agrava sobremaneira a tensão advinda de outros tantos desafios conjunturais e estruturais de cada pessoa. Mas, quando falamos das tensões

9 É importante ressaltar que uma teoria do desenvolvimento em psicanálise não deve se restringir ao período da infância/adolescência, em que pese a importância crucial desses começos na construção dos alicerces constitucionais do indivíduo. Winnicott nos lembrou que estamos sempre em processo de crescimento, até o momento de nossa morte, desde que não sejamos aprisionados pela rigidez de nossas defesas. Ele ressaltou ainda que Jung acertadamente assinalou e desenvolveu essa dimensão através de seu conceito de individuação, mas que “nossa psicanálise freudiana” deve saber também reconhecê-lo: “A formulação freudiana pode ter dado a impressão, por algumas décadas, que qualquer desenvolvimento que não ocorra aos 5 anos ou até o fim da puberdade ... não irá mais acontecer. Mas nós todos sabemos que isto é absurdo” (Winnicott, 1970/1989a, p. 284).

psíquicas e suas consequências, não devemos negligenciar os fatores somáticos envolvidos. Vale lembrar que também a pesquisa biológica tem reafirmado o fato evidente das transformações do sono com o envelhecimento: “Nosso ritmo circadiano e nosso sono mudam profundamente à medida que envelhecemos e, embora essa variação possa ser bastante acentuada de um indivíduo para outro, algumas tendências podem ser consideradas universais” (Foster, 2023, p. 167). Ora, se “padrões modificados não significam necessariamente padrões piores” (p. 167), deve-se considerar que os significados, manejos e adaptações – e, afinal, a elaboração imaginativa dessa nova experiência com o corpo próprio – cumprem aqui um papel fundamental, e podem contribuir sobremaneira para tais variações individuais. Como se vê, quando falamos em sono, trata-se de um processo eminentemente psicossomático.¹⁰

Com o envelhecimento, as perdas são, de fato, variadas e contundentes. A lista é grande, mas talvez pudéssemos resumi-la sob a rubrica de uma “redução considerável da energia vital”. Diante de tais perdas, a capacidade de sustentação depressiva da dor é colocada à prova, em uma luta para não sucumbir em uma melancolização crônica. Ou melhor, tal capacidade é *mais uma vez* colocada à prova, reeditando a travessia da posição depressiva da primeira infância e todas as suas reedições ao longo da trajetória de vida.

“Só a alma permanece jovem, em evidente descompasso com seu envelope” (Berlinck, 1996/2008, p. 194). Temos, assim, um novo desencontro, e nos vemos, mais uma vez, como Édipo, diante de uma encruzilhada: entre o luto, a depressão e a melancolia. Pois, diante de tal crise, uma nova onda de revolta e ódio emerge, muitas vezes com grande vigor: “Agora que eu conheço um pouco mais da vida, compreendo e administro um pouco melhor as tensões, e eventualmente tenho melhores condições de tempo e dinheiro para dela usufruir, o corpo me trai!”. Nessa revolta, o ódio inconsciente ao objeto traidor, típico do melancólico potencial, pode ser dirigido ao Destino traíçoeiro, à Natureza, ao Criador ou à própria vida; mas se tal rebelião do eu for passível de alguma elaboração, poderá advir também um insight renovado sobre a tragicidade do destino humano, assim como um trabalho de luto sobre as idealizações: “Que equívoco ter imaginado um desenvolvimento linear sempre para cima, com conquistas sem fim!”.

Muito diferente de um grande triunfo, agora surge a necessidade de uma readaptação árdua e exigente, que pede a humildade do reconhecimento dos limites da realidade do corpo. Faz-se necessária uma reconfiguração da rotina diária em termos de atividades, trabalho e alimentação. Trata-se de uma espécie de novo regime – mais econômico e estrito no manejo, direcionamento, racionalização e disponibilização das energias. Reconhecemos aqui um

10 Tenho sugerido que o dormir e o sonhar constituem uma dupla face – psicossomática – de um mesmo processo interligado (Gurfinkel, 2008b).

verdadeiro trabalho do eu. Como sintetizou Berlinck, “a envelhescência é uma recriação do eu diante das exigências pulsionais e as novas exigências do corpo que se aproxima da morte” (1996/2008, p. 197). As dificuldades – ou mesmo a recusa – a aceitar tal readaptação leva por vezes à perpetuação do desencontro na forma de processos dissociativos crônicos e à recorrência de saídas maníacas, com performances triunfantes sobre a dor, as perdas e os limites do corpo. Tecnologia médica, substâncias e artifícios diversos são aditivos que muitas vezes vêm a calhar para tais propósitos, como próteses para um eu incapaz de reciclar seus ideais.

Além do enfrentamento da encruzilhada luto ou melancolia – e da reedição da travessia pela posição depressiva, colocando à prova a depressividade do humano (Fédida, 2002) –, também a problemática fálica é revisitada de forma pungente na envelhescência, período em que nos “chega a conta” dos resquícios da fase fálica que deixamos adormecidos debaixo do tapete. Tais resquícios, maiores ou menores em todos os humanos, perduram mascarados e alimentados pelas realizações performáticas possibilitadas pelo corpo jovem. Eles são constituídos pela fantasia – em homens, mulheres e demais identidades de gênero – da existência de um poder fálico, que produz concepções fantásticas, irreais e idealizadas da amálgama sexo/poder. Tais formações reativas à angústia fálica infantil de “ser pequeno” tem seus efeitos colaterais sintomáticos: o pudor e a vergonha pelo corpo próprio – visto como feio, velho, impotente, fraco e insuficiente –, a passividade infantil diante de desafios que a nova realidade impõe ao eu e a teimosia de uma aposta cega e negacionista em um corpo onipotente, com possibilidades ilimitadas. No entanto, mais cedo ou mais tarde cai o pano, e o corpo fálico é desmascarado de maneira mais contundente do que nunca. Os ideais fálicos se tornam um sério empecilho à vida, e urge serem reciclados e desinvestidos. Entre tantos setores da vida atingidos, é especialmente contundente a necessidade de uma considerável reconstrução dos hábitos sexuais, temática tão bem trabalhada por Ferenczi (1925/1993). Trata-se de um novo trabalho do eu de (re)investimento do corpo próprio, para que este possa seguir sendo amado de modo suficientemente bom.

Como se vê, a envelhescência pede um trabalho de (re)elaboração imaginativa do corpo real *do presente*, que se dá concomitante a uma dissolução de fantasias derivadas de elaborações imaginativas de *outros tempos*, agora anacrônicas. Bem, e qual será o destino de tais fantasias? Perduram enquanto “reliquias do passado”? Creio que elas não são inteiramente abandonadas, mas ressignificadas na reconstrução histórica de si próprio da envelhescência. Elas alimentam a típica memória levemente nostálgica dos “bons tempos” heroicos, que, se bem corre o risco de se tornar melancólica, pode também pender para o polo do humor e da sabedoria. E, nesse momento da vida, surge uma má notícia

e uma boa notícia. A má notícia: ainda temos muito para aprender, pois a ilusão de que finalmente chegaríamos “lá” – a um suposto ponto culminante da vida na maturidade, preconcepção produzida pela fantasia fálica – precisa ser forçosamente abandonada, gerando grande tensão para o eu. E a boa notícia: se ainda temos MUITO para aprender, talvez o fim não esteja tão próximo...

E como pensar o paralelo entre envelhescência e adolescência, conforme sugeriu Berlinck? Alguns pontos de semelhança são apontados por ele. Em primeiro lugar, o susto produzido pelas transformações do corpo e o choque de perspectivas – no primeiro caso, o choque em relação a uma adultez desconhecida e misteriosa que se descortina pela frente; no segundo, devido a uma juventude que definitivamente ficou para trás. Se o adolescente se depara com um futuro desconhecido e assustador, o envelhescente se depara com a proximidade da morte. E, quanto aos ideais do eu, ambos enfrentam uma reviravolta: para o primeiro, o abalo por não poder mais sustentar a ilusão de ser o falo da mãe; para o segundo, a necessidade de assimilar que sonhos sonhados por muito tempo não poderão mais ser sonhados. Como se vê, esse paralelo entre adolescência e envelhescência mostra-se de fato bastante pertinente, e o que me parece fundamental aqui é percebermos que se trata, em ambos os casos, de uma travessia marcante, que envolve uma significativa reconfiguração vital. Nelas, os dados do destino são relançados – o que sempre envolve possibilidades de recriação e riscos significativos de extravio. Daí a importância de distinguirmos entre o simples envelhecer e a envelhescência. Para Berlinck, “a envelhescência é um ato de subjetivação” (1996/2008, p. 195), pois se ela é o encontro da alma sem idade com o corpo que envelhece, o reconhecimento desse estranho encontro produz um efeito de significante, tal como no sonho ou no chiste. Um desencontro que, afinal, talvez contenha alguma potencialidade de encontro...

Na envelhescência, além do trabalho do eu referido aos desafios do presente – exigindo a recriação de um novo regime –, também se faz necessária uma profunda reconfiguração psíquica em relação ao *futuro*: um redesenhar de projetos e uma contundente revisão dos ideais, por vezes cada vez mais inalcançáveis, anacrônicos e mesmo sem sentido. Essa reconfiguração da relação com o futuro toca na própria essência da função do sonhar, pois se uma das suas dimensões fundamentais é a concepção de um projeto futuro a partir do paradigma da realização de desejo, é exatamente tal função que entra em colapso quando a esperança e a capacidade de esperar minguam.¹¹ Na envelhescência, apresenta-se o desafio de reciclar os sonhos, a fim de que o sonhar não entre em colapso.

11 Sobre essa concepção do sonhar e sua relação com o futuro, ver Gurfinkel (2008b, 2016).

A envelhescência implica, portanto, uma verdadeira *reconfiguração existencial*, na qual emergem as perguntas: “Para que mesmo eu estou vivo?”, “O que posso ainda realizar neste mundo?”. Ora, observamos aqui – para além de um trabalho do eu – um trabalho do self: aquele que busca reciclar o sentido do existir e do vir a ser. Note-se que, em contraste com a condição do bebê e seu mundo imaginativo ainda pouco habitado, agora a psique está saturada de construções, ideais e fantasias a serem revistos, reciclados e redimensionados. Precisamos diminuir o “excesso de peso” da bagagem acumulada para poder seguir navegando sem sucumbir. A elaboração imaginativa pede, nesse momento, um trabalho *em negativo*: uma limpeza geral, uma busca de despojamento – menos memória, menos ambições e até, em certo sentido, menos desejo, conforme propunha Bion. Trata-se de uma verdadeira desconstrução, que se dá em sentido inverso ao daquela obra recém-iniciada no bebê.¹² E o que esperar dessa desconstrução? Que, no devido tempo, possa emergir algum *impulso pessoal*¹³ verdadeiro, oriundo do self, que anseie por novos sonhos, desejos e destinos.

Assim, se pensamos em termos de etapas do processo de desenvolvimento, podemos dizer que a envelhescência revisita, reedita e contém em si todas as idades: o bebê e suas elaborações imaginativas, os desafios da depressividade e da organização genital infantil, assim como a adolescência e seus possíveis descaminhos. Nesse amplo leque de camadas de tempo que se sobrepõem, talvez haja mesmo a oportunidade de um acesso mais incisivo ao inconsciente *atemporal*, agora contando com uma experiência acumulada e um enriquecimento derivado dessas diversas camadas sobrepostas e articuladas. Ainda que pareça equivocada a meta utópica de um encontro com uma totalidade na busca do self, conforme quis Jung,¹⁴ creio que tal ampliação

12 Encontramos uma boa figuração dessa inversão no processo de amadurecimento que re-une as duas pontas da trajetória de uma vida – o bebê e o envelhesciente – abordada de maneira paradoxal na encantadora e dolorosa fábula do filme *O curioso caso de Benjamin Button* (Fincher, 2008), baseado em conto de F. Scott Fitzgerald. Nela, o desencontro no tempo se sobrepõe ao desencontro no campo amoroso.

13 Ver Gurfinkel (2021).

14 Vale lembrar que tanto Winnicott quanto Pontalis criticaram, no conceito junguiano de self, esse apelo à totalidade. “O centro do self é um conceito relativamente inútil”, diz Winnicott, e a figura da mandala, seu símbolo maior, é uma síntese mental defensiva contra a espontaneidade e a destrutividade do humano – “uma fuga obsessiva da desintegração” (1964/1989b, p. 491). Pontalis (1975/2005b) ressaltou que a ideia de um self total adotada por Guntrip aproxima-se da concepção junguiana do self como totalidade da psique, e incorre no equívoco de desconsiderar a concepção de um sujeito dividido pela diferenciação de instâncias e a dialética das identificações no processo de constituição, comportando, na verdade, uma “compulsão de síntese” que é própria do eu. Em contraste, a concepção de self de Winnicott, para Pontalis, aponta em outra direção: “O self não é o centro; tampouco é inacessível, enterrado em algum lugar nos recônditos do ser. Ele *se encontra* no intermédio do fora e do dentro, do eu e do não eu, da criança e de sua mãe, do corpo e da palavra. O espaço potencial dificilmente se deixaria circunscrever numa nova tópica” (1975/2005a, p. 209). As reelaborações sobre o tema feitas por Bollas parecem ir em direção semelhante, já que segundo ele o self surge somente por

de camadas temporais da experiência psíquica pode de fato favorecer algum avanço na elaboração possível da transitoriedade, da incompletude, do caráter fragmentário e da tragicidade do viver. A elaboração imaginativa da envelhecimento pode facultar, no melhor dos casos, uma reconfiguração vital através da qual perdas e impossibilidades são contrabalançadas por memórias de realizações, identificação com os mais jovens e construções imaginativas de legados a serem deixados. Assim, algum apaziguamento da angústia do viver – com seu caráter fragmentado, sofrido e sem sentido – mostra-se possível devido a tal apropriação reflexiva de um ciclo vivido e – até o fim, o quanto for possível – ainda vívido.

A voz da maturidade: tolerância e flexibilidade

Gilberto Gil, grande artista e músico, nos brindou, à época dos seus 80 anos de idade, com uma entrevista que oferece subsídios interessantes para o nosso tema. Disse ele então: “Ao longo da vida, da infância para a adolescência, depois para a vida adulta e agora para a velhice, vai ficando cada vez melhor viver” (Gil, 2022, p. C4). Bem, ao lado dessa declaração de amor à vida, nos deparamos também com notícias de dores e espinhos. Gil teve vários problemas sérios de saúde nos últimos anos, atingindo, inclusive, suas cordas vocais. Sobre isso, o entrevistador Claudio Leal observou: “Em seu show mais recente, você conseguiu estabilizar sua voz, depois daqueles problemas com as cordas vocais”. E ele respondeu:

Acho que sim. Consegui uma voz madura, uma voz de serviço, como eu costumo dizer. Uma voz que serve à prática de um modo médio de manifestação vocal. Porque adotei disciplinas rigorosas no sentido de conservação do restante das cordas vocais. (p. C5)

Vemos aqui um grande trabalho de elaboração da envelhecimento, que envolve a assimilação das perdas e a busca de um “novo regime”, articuladas a uma postura de profunda valorização da vida/voz que se tem. E que satisfação ter o privilégio de escutar sua voz madura – *a voz da maturidade!*

A envelhecimento é, portanto, para além do envelhecimento do corpo, um processo complexo e árduo de elaboração imaginativa de tal experiência – como bem depreendemos do depoimento de Gilberto Gil. Trata-se de um processo pessoal que implica um trabalho do eu e um trabalho do self, em várias

meio da experiência, e não é passível de ser abarcado por meio de interpretações de significados: “Não podemos analisar a evolução do verdadeiro self. Nós podemos facilitá-lo; podemos experimentar o uso momentâneo de nosso self e podemos identificar certos traços, mas não podemos ‘vê-lo’ como um todo” (1989/2021, pp. 44-45).

dimensões e bastante exigente: como reciclar a vida a partir de um velho-novo corpo? Nem todas as pessoas que envelhecem vivem esse processo e são capazes de realizar tal travessia – e o fazem em graus e formas os mais variados.

Na envelhescência se dá um trabalho com a memória que é, certamente, mais solitário: cada vez menos temos uma “comunidade de lembrantes” com quem compartilhar as lembranças, e o choque de gerações – com as rápidas mudanças de costumes – acentua esse isolamento anacrônico. Por outro lado, há nesse recolhimento um ganho de despojamento e de diminuição do peso do olhar e da expectativa do outro. E, como bem sintetizou Berlinck, a envelhescência implica um “pensar a velhice”, e assim “distingui-la do preconceito e do estigma para que possa ser vivida com dignidade. Este trabalho de pensamento é, via de regra, um esforço solitário, que pode enriquecer o mundo interno do sujeito” (1996/2008, p. 196). Bem, no âmbito do trabalho do self, nela reemerge a questão que Winnicott tanto levantou ao notar o terrível sentimento de futilidade e sem-sentido em seus pacientes fronteiriços: como viver uma vida que vale a pena ser vivida – ou como vivê-la de modo criativo?

Para finalizar, gostaria de propor dois atributos que penso serem ingredientes fundamentais nessa travessia: a *tolerância* e a *flexibilidade*. A tolerância é necessária para consigo mesmo, para com o corpo próprio e para com o outro, em uma provação contínua que sempre corre o risco de sucumbir diante da rebelião melancólica – que por vezes grita que todos os limites em termos da capacidade de tolerar frustração e castração já foram extrapolados! A flexibilidade implica, por sua vez, um gesto generoso de abertura e de disponibilidade de revisão dos estabelecidos. Pois temos na envelhescência uma nova oportunidade para remoldar os estabelecidos ao longo da vida, e que tendem a uma rigidificação: traços de caráter, hábitos, concepções, ideias e ideais, metas e sonhos, imposições e aprisionamentos etc. Como fruto desse trabalho, podem surgir novas chances: eventuais oportunidades para a emergência de um verdadeiro impulso pessoal a partir da pausa, do recolhimento e do silêncio, nesse novo corpo e nesse novo momento – uma oportunidade deveras preciosa e rara. Talvez o estar vivo seja justamente isto: ser capaz de ver e fazer uso das novas oportunidades que se apresentam – as cores vivas que somos capazes de ainda enxergar diante de nós.

Envejecencia: cuerpo, tiempo y elaboración imaginativa

Resumen: En este artículo, el autor propone estudiar el proceso de envejecimiento desde la perspectiva del concepto winnicottiano de elaboración imaginativa. Tras una breve presentación de este concepto, concebido en el marco de un enfoque muy peculiar de la relación entre psique y soma, sugiere extender su uso más allá de la situación del bebé, como hizo Winnicott, y abordar desde esta perspectiva

toda la trayectoria evolutiva del individuo y, en particular, el proceso de envejecimiento. Para estudiar este proceso, el autor adopta el término envejecencia [*envelhescência*], acuñado por Manoel Berlinck, que desde su punto de vista engloba muy bien la complejidad de las transformaciones psicosomáticas que tienen lugar en esta etapa de la vida, que requieren tanto un trabajo del yo como un trabajo del self. Estas proposiciones se ilustran con una declaración del artista Gilberto Gil cuando cumplió 80 años, en la que relata sus experiencias personales y sus reflexiones existenciales y estéticas sobre el tema.

Palabras clave: envejecimiento, cuerpo, desarrollo, psicosomática, elaboración imaginativa

Maturescence: body, time and imaginative elaboration

Abstract: In this article, the author proposes a study of the aging process based on the Winnicottian concept of imaginative elaboration. After a brief presentation of this concept, conceived within the framework of a very peculiar approach to the relationship between psyche and soma, he suggests extending its use beyond the situation of the baby, as Winnicott did, and approaching the entire developmental path of the individual, and in particular the aging process, from this perspective. To study this process, the author adopts the term maturescence [*envelhescência*], coined by Manoel Berlinck, which from his point of view encompasses very well the complexity of the psychosomatic transformations that take place at this stage of life, requiring both a work of the ego and a work of the self. These propositions are illustrated by a statement by the artist Gilberto Gil on his 80th birthday, in which he recounts his personal experiences and his existential and aesthetic reflections on the subject.

Keywords: aging, body, development, psychosomatics, imaginative elaboration

Vieillescence : corps, temps et élaboration imaginative

Résumé : Dans cet article, l'auteur propose d'étudier le processus de vieillissement à partir du concept winnicottien d'élaboration imaginative. Après une brève présentation de ce concept, conçu dans le cadre d'une approche très particulière des rapports entre psyché et soma, il suggère d'en étendre l'usage au-delà de la situation du bébé, comme l'a fait Winnicott, et d'aborder dans cette perspective l'ensemble du parcours développemental de l'individu, et en particulier le processus de vieillissement. Pour étudier ce processus, l'auteur adopte le terme de vieillescence [*envelhescência*], inventé par Manoel Berlinck, qui, de son point de vue, rend bien compte de la complexité des transformations psychosomatiques qui s'opèrent à cette étape de la vie, nécessitant à la fois un travail du moi et un travail du self. Ces

propositions sont illustrées par une déclaration de l'artiste Gilberto Gil à l'occasion de son 80e anniversaire, dans laquelle il relate ses expériences personnelles et ses réflexions existentielles et esthétiques sur le sujet.

Mots-clés : vieillissement, corps, développement, psychosomatique, élaboration imaginative

Referências

- Berlinck, M. T. (2008). A envelhescência. In M. T. Berlinck, *Psicopatologia fundamental* (pp. 193-198). Escuta. (Trabalho original publicado em 1996)
- Bollas, C. (2000). *Hysteria* (M. Seincman, Trad.). Escuta.
- Bollas, C. (2021). *Forças do destino: psicanálise e idioma humano* (R. M. Bergallo, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1989)
- Bozon, M. (2023). *A noção de elaboração imaginativa na obra de Winnicott: das origens do psiquismo ao viver criativo* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Bozon, M. & Fulgencio, L. (2020). A elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 27(2), 313-331.
- Bozon, M. & Fulgencio, L. (2022). A noção de elaboração imaginativa e a concepção de fantasia na obra de Winnicott. *Percurso: Revista de Psicanálise*, 68, 53-64.
- Cromberg, R. U. (2022). Elaboração imaginativa: protolinguagem e protopensamento. *Percurso: Revista de Psicanálise*, 68, 65-73.
- Editor universoaademicovideo. (2020, 19 de setembro). *Elaboração imaginativa em Winnicott* [Vídeo]. YouTube. <https://tinyurl.com/3mkxt776>
- Fédida, P. (2002). *Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia* (M. Gambini, Trad.). Escuta.
- Ferenczi, S. (1993). Psicanálise dos hábitos sexuais. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 3, pp. 327-359). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925)
- Fincher, D. (Diretor). (2008). *O curioso caso de Benjamin Button* [Filme]. Paramount Pictures.
- Foster, R. (2023). *O ciclo da vida* (A. Fontenelle, Trad.). Objetiva.
- Freud, S. (1981a). Tres ensayos para una teoría sexual. In S. Freud, *Obras completas* (L. López-Ballesteros y de Torres, Trad., Vol. 2, pp. 1169-1237). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1981b). El yo y el ello. In S. Freud, *Obras completas* (L. López-Ballesteros y de Torres, Trad., Vol. 3, pp. 2701-2728). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1923)
- Gil, G. (2022, 26 de junho). Andar com fé. *Folha de S. Paulo*, C4-C5.
- Gurfinkel, D. (2001). O psicossoma em Winnicott. In D. Gurfinkel, *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições* (pp. 197-214). Casa do Psicólogo.
- Gurfinkel, D. (2008a). A mítica do encontro amoroso e o trabalho de Eros. In S. L. Alonso, D. M. Breyton & H. M. F. M. Albuquerque (Orgs.), *Interlocuções sobre o feminino: na teoria, na clínica e na cultura* (pp. 131-148). Escuta.
- Gurfinkel, D. (2008b). *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe*. Escuta.

- Gurfinkel, D. (2013). Excitação e trabalho de simbolização. In L. C. Figueiredo, B. B. Savietto & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 267-284). Escuta.
- Gurfinkel, D. (2016). Espera, esperança e sonho: deixar a terra descansar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(4), 39-48.
- Gurfinkel, D. (2021). “Estar só”, “estar com” e impulso pessoal [Apresentação de trabalho]. 15º Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de Winnicott, online.
- Gurfinkel, D. (2022). *Transferência como laço intersubjetivo e como experiência psicossomática* [Apresentação de trabalho]. 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise, online.
- Mendes, R. O. (2021). *A elaboração imaginativa das funções corporais em D. W. Winnicott: imaginando o originário na clínica psicanalítica* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Moraes, V. & Powell, B. (1993). Samba da bênção. In *Vinicius de Moraes: songbook* (Vol. 2, pp. 118-120). Lumiar. (Trabalho original publicado em 1965)
- Pontalis, J.-B. (2005a). Encontrar, acolher, reconhecer o ausente. In J.-B. Pontalis, *Entre o sonho e a dor* (C. Berliner, Trad., pp. 201-210). Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1975)
- Pontalis, J.-B. (2005b). Nascimento e reconhecimento do self. In J.-B. Pontalis, *Entre o sonho e a dor* (C. Berliner, Trad., pp. 169-200). Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1975)
- Winnicott, D. W. (1989a). Individuation. In D. W. Winnicott, *Psychoanalytic explorations* (pp. 284-288). Karnac. (Trabalho apresentado em 1970)
- Winnicott, D. W. (1989b). Review of *Memories, dreams, reflections*. In D. W. Winnicott, *Psychoanalytic explorations* (pp. 482-492). Karnac. (Trabalho original publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (1990). The concept of a healthy individual. In D. W. Winnicott, *Home is where we start from* (pp. 21-38). Penguin. (Trabalho original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (1992). Mind and its relation to the psyche-soma. In D. W. Winnicott, *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers* (pp. 243-254). Karnac. (Trabalho original publicado em 1949)

Recebido em 15/3/2024, aceito em 3/5/2024

Decio Gurfinkel
deciogur@gmail.com